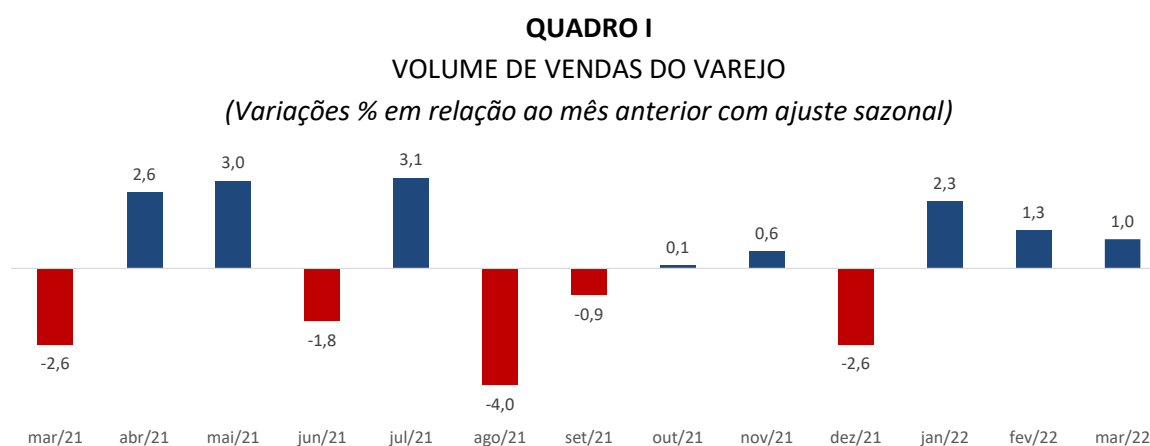


COM PROGRAMAS DE RECOMPOSIÇÃO DA RENDA, VAREJO DRIBLA PIORA NAS CONDIÇÕES DE CONSUMO, NO 1º TRIMESTRE

Apesar da corrosão do poder de compra, disponibilização de recursos extraordinários deverá contribuir para acelerar as vendas no segundo trimestre ante o primeiro. CNC eleva de +1,1% para +1,5% a previsão para o crescimento das vendas neste ano.

Em março, o volume de vendas do comércio varejista brasileiro cresceu 1,0%, de acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada hoje (10/05) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este foi o terceiro mês seguido de aumento das vendas do varejo (em janeiro e fevereiro, houve altas de 2,3% e 1,3%, respectivamente), superando, assim, a expectativa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), que projetava alta de 0,3% sobre fevereiro.



Fonte: IBGE

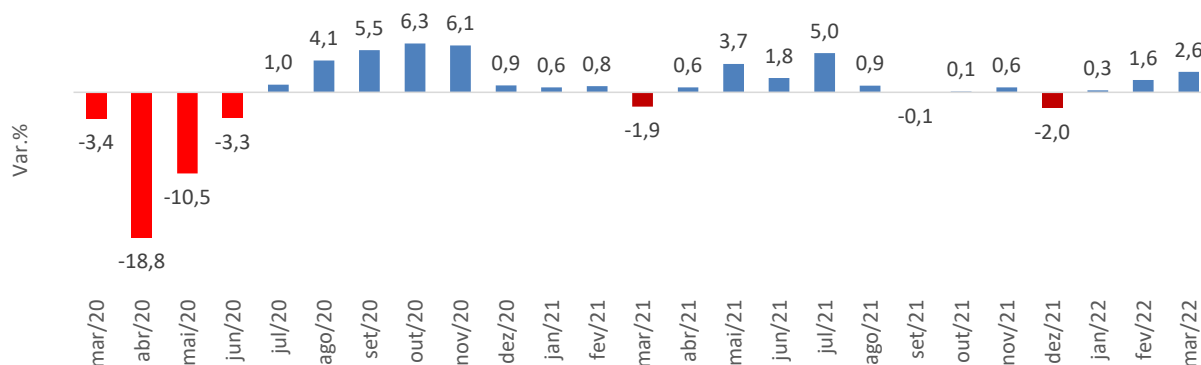
Apenas três dos dez segmentos pesquisados pelo Instituto acusaram variações negativas em relação ao mês anterior (artigos farmacêuticos, com -5,9%, varejo especializado em produtos alimentícios, com -0,2%, e comércio automotivo, com -0,1%). Destacaram-se em março as taxas positivas observadas nos segmentos de materiais de escritório, informática e comunicação (+13,9%) e livrarias e papelarias (+4,7%).

No trimestre, o comércio apresentou avanços de 4,8% em relação ao fim de 2021 e 1,3% ante os três primeiros meses do ano passado. Dessa forma, o volume de vendas tem se distanciado daquele observado antes do início da pandemia, acumulando avanço de 2,6% ante fevereiro de 2020.

QUADRO II

VOLUME DE VENDAS DO VAREJO

(Variações % em relação a fevereiro de 2020 com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE

O cenário econômico corrente não tem sido favorável a consumidores e varejistas. Inflação ao consumidor anualizada acima de 12%, juros em elevação e preços no atacado girando na casa dos 20% têm dificultado o avanço robusto das vendas do comércio. Compõe ainda esse quadro a queda de 6,2% no rendimento real médio do trabalho, nos 12 meses encerrados em março de 2022.

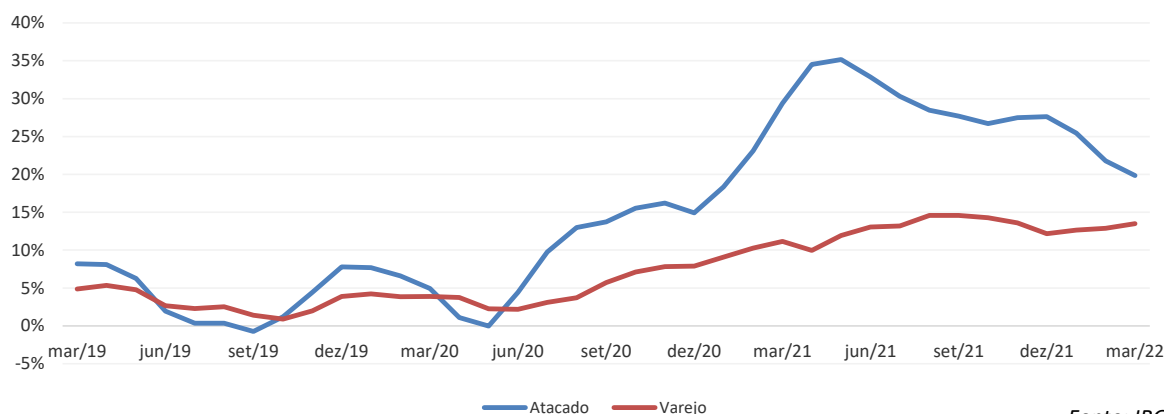
Embora o quadro atual esteja longe de se revelar confortável para a formação de preços no varejo, notadamente, as pressões advindas do atacado sugerem perda de força dos reajustes ao longo dos últimos meses, na medida em que a inflação no atacado chegou a superar os 35% em maio de 2021.

Na média, os preços dos produtos comercializados pelo varejo ampliado, medidos por meio do deflator da PMC, foram reajustados em 14,2%, nos 12 meses encerrados em março deste ano. Por sua vez, os preços no atacado, avaliados pelo Índice de Preços ao Produtor (IPP) do próprio IBGE, avançaram 18,4% no mesmo período, revelando, portanto, um grau de repasse de 77% aos preços finais aos consumidores.

QUADRO III

EVOLUÇÕES DOS PREÇOS NO ATACADO E NO VAREJO

(Variações % acumuladas em 12 meses encerrados em março de 2022)

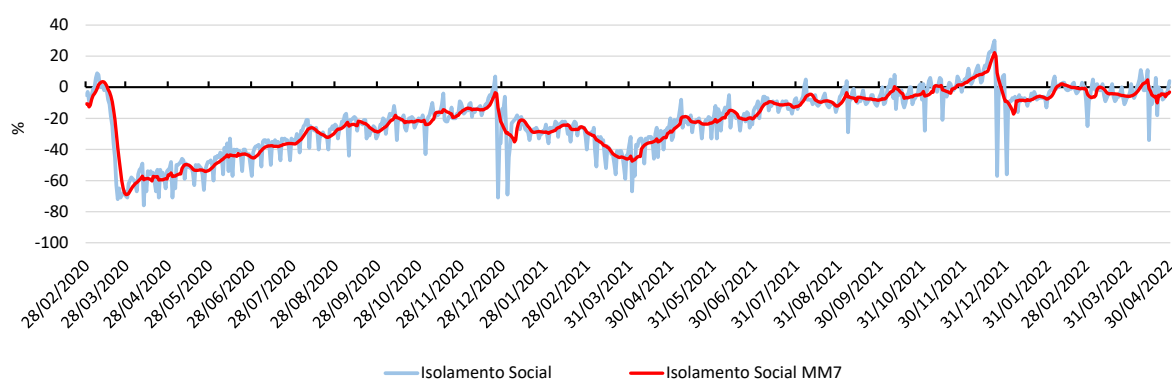


Fonte: IBGE

O primeiro trimestre de 2022 também marcou a quase “normalização” do fluxo de consumidores nos estabelecimentos comerciais. Ao longo da crise sanitária, o processo regenerativo do varejo esteve diretamente relacionado à evolução do fluxo de consumidores nas lojas, que, por sua vez, variou de acordo com a gravidade do contexto sanitário.

Ao fim de março, a defasagem em relação ao fluxo presencial observado em fevereiro de 2020 era de -5,9%, um cenário que difere significativamente das fases mais agudas da pandemia, quando, por exemplo, durante a primeira onda, a queda do fluxo de consumidores chegou a 69%. Já ao fim de abril deste ano, essa defasagem regrediu a -3,1%.

QUADRO IV
FLUXO DE CONSUMIDORES EM ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
(Variações % em relação a fevereiro de 2020)

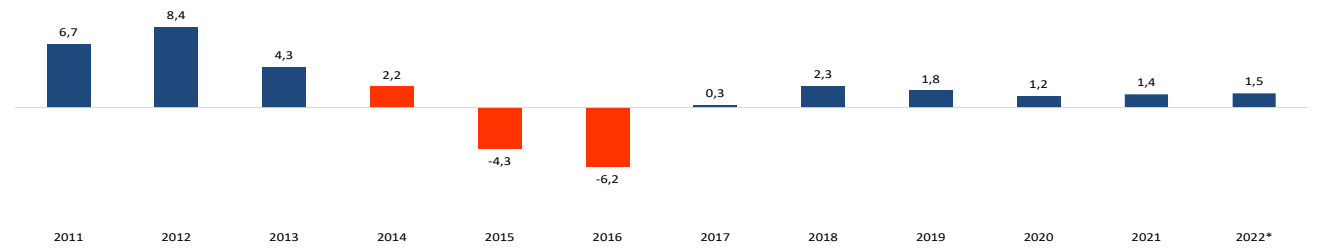


Fontes: Google e CNC

Olhando para frente, o segundo trimestre deste ano deverá ser “irrigado” pela disponibilização de recursos extraordinários, tais como a antecipação do 13º salário a aposentados e pensionistas do INSS; saques do FGTS; e principalmente recursos decorrentes do Auxílio Brasil. Se, por um lado, essas iniciativas prolongam pressões inflacionárias, por outro, no curto prazo, ajudam a recompor a renda das famílias, dando fôlego às vendas no varejo. A CNC estima que o Auxílio Brasil e os saques do FGTS devam injetar no varejo R\$ 39 bilhões ao longo de 2022.

Confirmada a tendência de desaceleração dos preços no atacado, os preços no varejo tenderão também a perder força, tornando menos acentuado o processo de aceleração da taxa básica de juros nos meses subsequentes. Diante deste cenário, a CNC revisou de +1,1% para +1,5% sua previsão de variação do volume de vendas do varejo em 2022.

QUADRO V
VOLUME DE VENDAS DO VAREJO
(Variações % em relação ao ano anterior)



*previsão CNC

Fontes: IBGE e CNC